

Maternidade Tutelada e Cuidados Compartilhados: a situação de mulheres privadas de liberdade em São Luís, Maranhão ¹

Yasmin de Sousa Andrade (UEMA)

Palavras-Chave: Berçário; Mães; Maternidade

Introdução

A minha primeira tentativa de entrada na Unidade Prisional Feminina de Ressocialização (UPFEM) foi no dia 31 de janeiro de 2023, juntamente com a minha parceira de pesquisa Jacqueline Ferraz de Lima. Devido à burocracia existente para a autorização de acesso à unidade prisional, a minha entrada não foi permitida, já que o meu ofício de autorização não estava pronto. A portaria em que fiquei durante toda a manhã é coordenada pela Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP) e é o local onde ocorrem os processos burocráticos de entrega da documentação necessária para entrada na unidade, a chegada de materiais para o estabelecimento prisional, como os itens do kit de higiene, além das revistas, por intermédio da máquina de *Bodyscan*. No ambiente da portaria não é comum a permanência de pessoas para além dos agentes de segurança e de agentes da administração, o que fazia com que a minha permanência durante uma manhã inteira fosse algo diferente dentro do cotidiano daquele lugar.

Sentada na cadeira, eu estava com o meu caderno nas mãos, o que ocasionou os olhares estranhos de alguns agentes de segurança, principalmente o que fica na porta de entrada. Percebendo a situação, guardei o caderno e peguei o meu celular. Após algum tempo sentada na cadeira sem falar com ninguém e alvo de olhares de estranhamento, uma senhora que exerce o cargo de auxiliar técnico de administração sentou ao meu lado e começou a conversar: *o que você veio fazer aqui?* Me virei para ficar de frente a ela: *Eu estou aqui para fazer pesquisa, faço faculdade de Ciências Sociais.* Com a minha resposta ela sorriu e seguiu conversando: *Eu tinha o sonho de me formar em Direito, mas o meu pai não deixou, disse que eu tinha que me casar. Aí eu fiz o concurso e passei para cá, mas eu queria ser era carcereira. Tem muitas aqui que são agressivas com as internas.*

No mesmo momento da fala da auxiliar de administração, internas de uniformes cor de rosa entraram em fila no prédio da portaria, comandadas por uma agente de segurança.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

Seguindo as ordens da agente de segurança, elas se posicionaram de frente para a parede, com as mãos na cabeça. Com o andamento da fila, as internas colocavam os seus chinelos em um recipiente e entravam descalças dentro da máquina de *bodyscan*. Algumas das internas que estavam na fila começaram a conversar. Elas falavam tão baixo, que nem escutei do que se tratava, mas mesmo assim, de imediato a agente de segurança as reprimiu gritando.

— Ei! Caladas!! Se virem para a parede. Agora!!

Imediatamente as internas se calaram e se viraram para a parede, mas mesmo assim, um dos agentes da portaria esbravejou.

— Eiiii!!! Podem parar!! Que barulho é esse?!!!! Cala a boca!!

Diante da cena, a senhora que estava me contando a sua história de vida, comentou o que havia ocorrido: *Eu te disse! Têm carcereiras que são bem agressivas e não é assim que funciona. Muitos aqui dizem que as internas são agressivas, mas estão apenas se defendendo. Eu acredito na educação. Não sai da faculdade e fique com os seus pais em quanto pode. Eu sempre dou esse conselho para as funcionárias mais novas daqui”*.

Não se passando tanto tempo, outro grupo de internas adentrou a portaria e, dessa vez, quem me contou algo a respeito da situação das presas foi o agente de segurança da porta de entrada. Ele se aproximou de onde eu estava e, olhando para as presas de uniforme cor de rosa encostadas de frente para a parede com as mãos na cabeça, me disse: *não confie em tudo que elas falam, elas mentem, as mulheres mentem*. Como já estava tarde, a agente de administração que conversou comigo, me ofereceu o almoço e eu aceitei. A quentinha que me deram vinha acompanhada com um copo de refrigerante. Depois, fui surpreendida por mais uma frase do agente de segurança da porta de entrada: *agora tu não vai poder dizer que no presídio não tem comida*.

Foi somente quase seis meses depois, precisamente no dia 12 de julho de 2023, que entrei na penitenciária juntamente com a minha orientadora Karina Biondi para conversar com as internas, e dessa vez, sem o caderno de anotações. Dentro da penitenciária, fomos guiadas pela assistente social Denise, que nos levou até a sala dela para nos perguntar o propósito da nossa visita. Karina explicou o motivo de estarmos ali, mencionando o nosso interesse em entrar no berçário e conversar com as internas do local. Logo quando foi falado sobre o berçário, Denise mencionou uma história sobre uma ligação afetiva entre as funcionárias e as crianças do berçário. Sorrindo, ela nos perguntou: *Vocês acreditam em conexão espiritual?* No momento

da pergunta fiquei sem saber o que responder. Organizando as folhas em cima da sua mesa, ela continuou contando a história: *Isso aconteceu aqui, com uma funcionária que se apegou tanto a uma criança que acabou adotando. No caso, foi melhor para a criança, não é? Uma família melhor.*

O assunto sobre o berçário não se encerrou no momento em que terminou de contar a história da conexão espiritual. Organizando algumas folhas de redação da escrita por remição de pena em sua mesa, Denise falou mais sobre o berçário: *Dá muito trabalho o berçário, pois há sempre alguma briga, por qualquer assunto. Tudo é motivo de briga, além de serem muito barulhentas.* No entanto, o que eu encontrei ao conhecer as mulheres do berçário foi algo bem diferente do que me tinham relatado.

* * *

Depois desse dia, voltei à UPFEM 3 dias por semana até 26 de julho de 2023. Durante os dias de visita, conversei com as internas no berçário percebendo as dinâmicas desenvolvidas por elas no cotidiano e também presenciei atividades do CTC (Comissão Técnica de Classificação) dentro da sala da psicóloga do estabelecimento prisional. Em um dos dias, foi realizada uma roda de conversa na quadra com internas que são mães e estão no pavilhão. Nessa conversa, elas relataram tanto a dificuldade do exercício da maternidade dentro do cárcere, quanto da dificuldade na separação dos seus filhos nascidos na prisão.

São esses dias de pesquisa de campo que dão a base para as discussões que apresentarei a seguir, sobre situações de cuidado e tutela que as crianças nascidas na prisão passam até o momento de saírem da penitenciária. Buscarei compreender as formas de companheirismo entre as mulheres do berçário, as dinâmicas de cuidados e afetos entre as mulheres com as crianças do berçário, bem como descrever e analisar as interferências institucionais de controle e vigilância no exercício da maternidade no cárcere. Para a realização desta discussão, este texto está dividido em dois tópicos: Berçário e Separação. No primeiro tópico será apresentado o cotidiano do berçário, como também haverá os diálogos das histórias de sofrimento relatados pelas internas. O cotidiano delas vai para além da interação entre elas e as crianças do lugar, ocorrendo também interação com os funcionários da unidade prisional. Já no segundo tópico, será discutido a respeito da situação de cuidado e tutela das crianças nascidas na prisão, com histórias relatadas pelas mulheres que passaram pelo berçário e que agora estão no pavilhão.

Berçário

Ainda naquele primeiro dia de pesquisa, saímos da sala da assistente social e fomos em direção ao berçário, localizado ao lado da sala da diretora de disciplina. Ao entrarmos, não encontramos as internas, a assistente social foi em direção as cadeiras de plástico para organizá-las e as chamou: *Venham! Vocês têm visitas*. Duas das internas saíram de dentro do quarto, as duas com crianças no colo. Depois, outra aparece saindo do banheiro com materiais de limpeza. Saindo das suas atividades cotidianas, as internas se sentaram de frente para nós.

Denise disse: *Elas estão aqui para conversar com vocês*. Karina toma a palavra para explicar o motivo de estarmos lá: *Eu sou Karina, essa é Yasmin. Eu sou professora da UEMA e estamos aqui para conversar com vocês sobre a situação da maternidade dentro da prisão*. Após a apresentação de Karina, ²Micaelly foi a primeira a falar: *Não posso falar muita coisa porque estou aqui há pouco tempo. Quem pode falar é Carolina*. Carolina, por sua vez, estava em um espaço destinado à lavagem de roupas, mas Eliza expôs as suas primeiras considerações sobre a unidade prisional: *A comida deveria ser melhor. Aqui tinha que ter mais um quarto, tem apenas um e isso é pouco* - disse, apontando para o último cômodo do berçário, o quarto em que dormem.

Chegando na roda de conversa, Carolina pega a criança do colo de Micaelly e se senta. Com Denise ainda presente, ela fez o seu relato: *Os médicos logo após o meu parto me recomendaram levar a minha filha ao hospital, porque ela precisava fazer uns exames. Deram o encaminhamento e tudo. Hoje já é a terceira vez que chega o dia dos exames a escolta não estava disponível, então não fui levada. Daí eles mandam eu assinar um documento dizendo que eu que estou recusando a escolta*. Ouvindo as declarações de Carolina, Denise perguntou: *Mas você assinou o documento?* Fazendo carinho na criança em seu colo, ela responde: *Sim. Eu assinei*. Micaelly cruza os braços: *Mas eu disse para ela não assinar, porque é perigoso*. Carolina justificou o motivo da sua atitude: *Fiquei com medo de sofrer PDI³. Se eu não assinasse, me davam PDI*.

Com um rosto representando surpresa, Denise disse: *Eu não fiquei sabendo disso*. Por causa das suas demandas, essa foi a última consideração da assistente social na conversa dentro do berçário. Após a sua saída, as internas parecem ter ficado mais à vontade para falar e deram mais declarações sobre a dificuldade do exercício da maternidade dentro do cárcere. Micaelly foi a primeira a contar: *Eu sei que cometi um crime, mas a criança não tem culpa. Tudo é ruim*,

² Todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

³ Processos Disciplinares Internos. Ato de punição podendo levar a interna a ficar até um ano sem poder trabalhar ou progredir de pena.

a alimentação não é boa, vem para a gente 12:30, já com o lanche junto e ainda vem estragada e a gente fica tudo aqui com fome, porque o lanche vem com o almoço. Se fosse para fechar, já teria fechado.

Com a pauta da conversa voltada para alimentação, Eliza retorna a falar sobre o assunto: *A comida vem estragada mesmo, mas até que com a mudança de direção deu uma melhorada. Só que vem um frango branquinho. A gente fica é com fome. Estamos grávidas e não comemos frutas.* Ela olha para o lado e pega a bebê recém-nascida dos braços de Viviane e começa a brincar. Viviane se pronuncia pela primeira vez: *Aqui a gente divide as coisas, eu recebo visita e quando chega as frutas eu divido com elas.* Eliza, brincando com a bebê balança a cabeça concordando: *Ela divide mesmo. Aqui só vem o café da manhã com um pão, aí Carolina não gosta de pão aí eu pego e como o pão dela. É muita fome. A gente está grávida!*

Micaelly respira fundo: *Aqui nada presta. Outra coisa aqui é o médico, nada para ele é sério. Eu tenho gastrite e fiquei foi vomitando, aí sabe que o infeliz do médico falou? Que eu estou gorda, que o meu problema é a minha gordura.* Apontando para uma moça que ainda não tinha se pronunciado, continuou falando: *Essa bem daqui, Bianca. Ela fez foi cair ali naquele banheiro. Ela fez foi escorregar e não foi feito exame. A gente não faz exame de rotina, só deram foi remédio para ela. Tudo para esse médico não é nada.*

Eliza ri alto: *Tudo aqui dizem que a gente os chama é para ter atenção. Mas não é! É porque a gente precisa.* Viviane toma a palavra: *Eu tô com uma dor de dente aqui e nunca que me atenderam. Até para a hora do parto tem que ser dor mesmo senão dizem que a gente está é inventando para poder sair.* Eliza retorna com a palavra: *Essa enfermaria aí não presta. A única enfermeira que atende a gente na hora que a gente precisa é a Fátima. A outra, a Norma, faz é ouvir a gente e finge que não escutou.*

Levantando a bebê para cima e para baixo, Eliza: *Nossa! Ela é tão linda! Não tem cara do nome que tem.* Micaelly se levanta e pega a outra criança do berçário, que estava no colo de Carolina, e diz: *Realmente não tem. Esse nome estranho nela. Isla. Ela não tem cara de Isla, ela tem cara de Ketely. Eu não vou chamar ela por esse nome.* Viviane começa a sorrir: *Mas foi o nome que eu dei para ela.* Eliza retorna a comentar a escolha do nome: *Eu também não vou chamar ela assim. Ela parece se chamar Evelyn, que é um nome bonito.* Micaelly, fazendo carinho na criança em seu colo, dá a sua opinião: *Esse nome é difícil, nada a ver com a criança. Eu acho Maria um nome bonito. Hoje vocês só inventam coisa.* Eliza sorri: *Credo!! Maria é nome de velha, bonito é Evelyn, que é chique.* Micaelly volta a falar: *Eu acho mesmo Evelyn bonito que é o nome de uma das minhas filhas. Eu tenho seis filhos lá fora.* Eliza resolve falar

o nome que acha bonito: *Evelyn Hadessa, esse sim é bonito. É o nome que eu vou dar para a minha filha. Eu já tenho um filho lá fora. Ele tem 8 anos.* Micaelly coloca a criança que estava no seu colo em pé na sua perna: *Bonita é meu nome. Maria Cecília* - fala Micaelly, imitando a voz da bebê.

Quando estávamos conversando com as internas, ouvimos o barulho da televisão vindo de uma sala. Eliza olha em direção a sala e diz: *Aquela que está lá é chata! Não interage, tem a maior frescura.* Mudando de assunto, Micaelly diz: *Aqui é difícil de viver. Não tem nada e a gente não recebe visita, aqui quem recebe é só a Viviane.* Diz apontando para a colega. Eliza continua relatando sobre o assunto família: *Eu mesma não tenho família, a minha mãe morreu há oito meses e eu só tenho uma irmã que cuida do meu filho. E vai cuidar da minha filha. Ela é uma grande amiga de confiança.*

Levando a criança em minha direção, Eliza disse: *Pega. Pega a criança no colo.* A minha reação na hora, foi de não aceitar. Mesmo assim, ela insistiu: *Pega!! Pega a criança.* Naquele momento eu estava atônita diante das histórias contadas por elas e por causa do ambiente e da sensação de vulnerabilidade que um presídio traz. Tive essa sensação porque a maioria delas possuem a mesma idade que eu, 23 anos e semelhanças comigo e com colegas minhas, me fazendo pensar que tanto eu, quanto minhas colegas, poderiam estar naquela situação.

O que mais ouvimos das meninas foi a respeito da fome e de como sentem saudade de comerem frutas; sendo assim, resolvemos levar a elas algumas frutas. Para executar a nossa ideia, perguntamos a assistente social se isso seria possível. A resposta foi favorável e ela nos explicou como faríamos a entrega. Denise realiza doações às internas usando o seu nome para receber as entregas. Quando chegamos na primeira portaria, entregamos as frutas aos agentes dizendo: *Essas frutas são para Denise.* Assim, as frutas passaram pela primeira portaria e levadas até a assistente social. Nós seguimos até o berçário.

Chegando no berçário, novamente não as encontramos imediatamente. A auxiliar que abriu a cela para a gente as chamou: *Vocês têm visita!* Elas estavam lavando roupas em uma área externa destinada a essa atividade. Ouvimos uma delas gritar: *É a professora? Venham para cá. Estamos tomando banho.* Resolvemos esperar por elas sentadas nas cadeiras de

plástico. Não encontramos nenhuma das crianças, apenas uma das internas, a Bianca, sentada em uma das cadeiras.

Enquanto as outras meninas não voltavam, Bianca nos contou sobre a sensação de não ter notícias da sua família: *Eu não sou daqui... sou de Imperatriz. Aí é muito longe para a minha família vir. Aqui não recebemos cartas, então não temos notícias da nossa família.* Nesse momento, as outras retornam e vão até o único quarto do ambiente.

Quando retornam de lá, se sentaram para conversar, exceto Viviane, que saiu do quarto com Isla Thayllane. Em seu colo, a criança estava em um vestido bem bonito, como se fosse sair para passear. Não demorando muito, a auxiliar grita o seu nome: *Viviane, Advogado!!* Ela abriu um sorriso.

Naquele dia em específico, o berçário recebeu outra visita, do diretor da unidade prisional. Logo quando ele entrou, foi mostrando a pintura do local: *Olhem aqui a nossa pintura. É tudo bem organizado para elas.* Olhamos para a parede e vimos a cor clara e os desenhos dos animais. Bem, o berçário é um local que se assemelha a um grande corredor, com portas que dão acesso a um banheiro, um quarto e uma sala de televisão, além de um espaço em que elas colocam as suas garrafas com água, onde também possui uma passagem para o pátio. No ambiente também tem um cesto para colocar os brinquedos das crianças e um tapete emborrachado.

Empolgado, o diretor estava nos mostrando o grande feito que foi a organização do berçário. Carolina, aproveitando a presença dele no local, resolveu fazer um pedido: *Ah, eu queria uma chinela nova, essa aqui está sem trava.* Saindo do quarto, aparentemente se sentindo mal, Micaelly aproveita que a sua colega estava fazendo um pedido, e indagou: *Nunca me deram o meu remédio para a minha gastrite.* Olhando na nossa direção o diretor diz: *Olhem! Nada para elas está bom, nem se eu colocar uma piscina aqui - falou, se direcionando ao pátio do banho de sol - elas vão ficar satisfeitas.* Se encaminhando até o espaço em que elas colocam as garrafas com água, ele fala a sua ideia de melhoria para o local: *Aqui eu estava pensando em colocar uma geladeira.* Insatisfeita com a ideia, Carolina dá a sua proposta: *Eu prefiro um fogão para esquentar a comida da Maria Cecília. Porque as auxiliares cor de rosa demoram muito e não quero esperar a boa vontade delas.* Já Eliza, que estava ouvindo tudo, também resolve fazer uma proposta: *Eu prefiro um quarto novo, aqui é só um para todo mundo.* Diante das colocações, o diretor fala a sua opinião a respeito dos pedidos: *As antigas internas do berçário brigavam e jogavam água quente no rosto uma das outras. Por isso o fogão foi proibido.* Saindo do berçário, o diretor prometeu acatar os pedidos de Carolina e Micaelly.

Após a saída do diretor, Viviane volta com Isla e se senta na roda de conversa. Depois do ocorrido com a presença do diretor, Karina faz uma pergunta a elas: *Ele vem sempre aqui?* Eliza respondeu: *Sim. Depois que ele entrou na direção a comida até melhorou um pouco. A gente até tinha medo dele não entender a gente porque ele é homem, mas ele é um bom diretor. Antes dele até teve caso aqui de maus tratos, uma presa pariu sozinha dentro da cela. Aí umas funcionárias até tiraram foto do feto.* O ocorrido descrito por ela aconteceu em 2021 e foi caso noticiado na mídia local, em meio a denúncias de violência contra as internas e funcionárias da Unidade Prisional.

Em um dos dias em que fiquei na portaria, presenciei a chegada de matérias de higiene. Lembrando desse momento e do fato de que elas não recebem visitas familiares, fiz uma pergunta a elas: *Vocês recebem materiais de higiene por parte da instituição?* Viviane respondeu a minha pergunta:

Sim, o kit de higiene. Vem absorvente, sabonete, pasta de dente e materiais para lavar a roupa. Mas eles mandam em pouca quantidade, querem que a gente use a mesma água sanitária para lavar as roupas e fazer a faxina, só que toda hora querem que a gente faça a faxina do lugar. As auxiliares sempre gritam, mandando a gente limpar o lugar que já está limpo. O problema aqui mesmo é o médico, porque eu sangrei a minha gestação toda, que quando eu pari só saiu um líquido branco.

Depois das suas declarações, ela é chamada para receber as suas frutas deixadas por um familiar, que ela pega e leva ao quarto. Carolina se pronuncia:

Eles dão o kit, mas eu, como não recebo visitas, tudo necessito das doações de instituições religiosas e nem sempre a diretora de disciplina atente os meus pedidos. Os brinquedos e as roupas da bebê são tudo doação da igreja.

Denise chega até o berçário com a sacola de frutas nas mãos e entrega para Karina. Karina dá a sacola a Carolina, que agradece: *Muito obrigada por tratarem a gente como ser humano e não como animais. Aqui tratam a gente como animal. Eu vou colocar as frutas aqui no ar condicionado do quarto.* Eliza se animou: *Eu sabia que elas iam trazer alguma coisa. Tem até uva.* Karina diz: *Não são muitas, tem que dividir entre vocês.* Carolina decreta uma ordem: *A prioridade vai ser as crianças. Eu não como mamão, mas a Cecília come.*

Quando estávamos conversando com elas, uma auxiliar entrega o material de limpeza: *O material de limpeza, berçário!!* Eliza se levanta e recebe: *Essas auxiliares vivem olhando para cá, a gente não pode nem sorrir que mandam a gente calar a boca. Não pode fazer nada aqui.* Mesmo não recebendo visitas, Eliza estava na expectativa de ver, pela primeira vez após

ser presa, o seu filho de 8 anos que está no fora: *A minha irmã vai tentar trazer o meu filho para me visitar, mas a passagem é muito cara. Eles vêm para fazer a carteirinha dele de visitante, porque precisa até para a vista virtual.*

Além das situações existentes dentro do berçário, durante a conversa, elas falaram sobre as suas ideias após saírem da penitenciária. Carolina expôs a sua ideia: *Quando eu sair daqui eu vou para um garimpo para eu ficar rica.* Sorrindo após ter tido uma visita com o advogado, Viviane se pronuncia: *É uma boa mesmo. Eu não vou ficar muito tempo presa, que meu advogado disse. Aqui no berçário é muito chato, a gente não pode trabalhar e nem estudar. Não saímos para nada.* Micaelly concorda: *Eu tenho seis filhos e tenho que mandar dinheiro. Eu já trabalhei na padaria e na malharia. Era legal, mas aqui é horrível. A gente fica só ouvindo grito dessas auxiliares e dessa diretora de disciplina. Eu prefiro o pavilhão que o berçário.* Nenhuma delas discordou literalmente da colocação de Micaelly, só Eliza que expôs um ponto positivo de se estar no berçário: *Aqui pelo menos tem banheiro, a gente não precisa ficar de cócoras no boi. A gente fica lá, sentada!! É bom!*

Mesmo sendo uma pergunta delicada e dolorosa, foi preciso perguntar a elas como seria o momento da separação delas com as suas filhas. Quem respondeu de imediato foi Viviane: *Vai ser um momento bem difícil, mas vou ter que fazer isso. Eu quero trabalhar e estudar, ficando aqui eu não faço nada* - falou ela com a sua filha no colo. Micaelly, que já aconselhou a sua colega do contrário, se pronunciou: *Eu já disse para ela que é cedo demais entregar a bebê, mas ela está decidida.*

Se aproximando da hora do almoço, Karina pede um copo com água e elas entregam, já eu me levanto para o buscar o meu copo. Na área que o diretor planeja fazer uma copa colocando uma geladeira, tem as garrafas com água e, afixada na parede, há uma tabela com os nomes de cada uma delas e as tarefas a serem realizadas por cada uma em dias de semana específicos. Percebi que alguns nomes escritos no quadro não são das meninas do berçário, mas mesmo assim, ainda estavam escritos no papel. Essa questão de modificação rápida das meninas dentro do berçário é algo que foi possível verificar dois meses depois, quando Karina retornou à UPFEM e não encontrou nenhuma das internas com quem conversamos. Para ser precisa, ela só encontrou uma delas, mas fora do berçário.

No último dia de visitação na UPFEM, antes de entrar no berçário fui até a sala da psicóloga e acompanhei uma das etapas do CTC (Comissão Técnica de Classificação). Lá, eu encontrei a psicóloga se preparando para receber as internas. Conversando com ela, perguntei sobre saúde: *As internas recebem absorventes por parte dos familiares?* Ela logo responde:

Sim! Elas recebem o Kit de higiene e os familiares também podem mandar tranquilamente. Aqui também fazem exames ginecológicos e estão saudáveis.

Não demorou muito para entrar a primeira interna, uma moça que logo quando se sentou na cadeira, foi falando da condição da sua saúde: *Eu estou sangrando sem parar há alguns dias. Não sei mais o que fazer.* A psicóloga demonstrou surpresa em seu rosto: *Nossa. Com esse sangramento vai ser difícil para fazer exames.* Mesmo após a moça contar a sua situação, a psicóloga seguiu a atividade do CTC de perguntar onde ela pretende trabalhar: *Pretende trabalhar na malharia, na padaria ou na costura?* Ela respondeu: *Na costura.*

Com a saída da mulher da sala da psicóloga, entrou uma senhora que também reclamava de problemas de saúde: *Eu não estou podendo trabalhar. Entrou uma baratinha dentro do meu ouvido e está doendo muito. Sinto até tontura.* Em seguida, outra interna entrou na sala e se sentou. De imediato, ela começa a contar o motivo de não está se sentindo bem: *Doutora, eu estou com ansiedade por medo de ser sentenciada.* A psicóloga pede para ela contar até dez: *Conte até dez e você vai se sentir bem.*

Com a saída das internas, perguntei para a psicóloga Léia o motivo das internas do berçário não trabalharem: *Por que as internas do berçário não podem sair para trabalhar?* Logo ela respondeu: *É que todas as internas que trabalham têm que passar pela máquina de Bodyscan e as grávidas não podem. Mesmo o berçário dando problema, eu tenho uma esperança delas melhorarem porque vão ser mães. A criança pode melhorar elas.*

Quando saí da sala, fui direto ao berçário. Chegando lá, encontrei as meninas sentadas no tapete emborrachado brincando com as crianças. Sentei onde elas estavam por ser um local mais confortável para elas, sendo que algumas estavam até deitadas no tapete. Algo que percebi nelas foi o inchaço nas pernas pelo fato de ficarem o tempo todo dentro do berçário sem a realização de qualquer atividade física. Levando em consideração pesquisas produzidas na área, em específico o livro *Dar à Luz na Sombra* (2019) das pesquisadoras Ana Gabriela Braga e Bruna Angotti, fiz perguntas a elas em relação a trabalho e atividades físicas durante a gestação.

Ainda sentada no tapete ao lado delas, fiz uma pergunta sobre trabalho: *Caso vocês pudessem sair para trabalhar durante a gravidez, vocês confiariam em deixar as crianças com as auxiliares?* Micaelly logo respondeu: *Algumas aqui até que eu confio, mas outras não. Tem umas que são bem chatas. Mas aqui nunca vai acontecer isso, não. Aqui esse povo é tudo ruim.* Viviane, que estava sentada na cadeira, se pronunciou: *Aqui é assim mesmo, as auxiliares têm que ir com a cara. Quem for comportada elas não encham muito o saco. Depois do parto elas algemam as presas que elas consideram as menos comportadas. Eu não fui algemada, mas*

Micaelly foi. Micaelly, que estava dando brinquedos para Maria Cecília brincar, correspondeu: É isso mesmo, eu fui algemada após o parto. Aqui elas aliviam para quem é mais comportada.

Eliza parecia empolgada e foi contanto que recebeu a visita da sua irmã: *A minha irmã veio me visitar, ainda não trouxe o meu filho. Ela trouxe comida. Nossa!!! Foi muito bom!! A gente encheu foi muito a barriga com comida boa.* Micaelly concordou: *Sim!! Uma carne assada muito boa!! A gente comeu mesmo!* Foi a primeira vez que Eliza recebeu uma visita depois que estar privada de liberdade.

Próximo da hora do almoço, Carolina estava esperando a entrega da comida de Maria Cecília: *Estão demorando com a comida de Maria Cecília. Aqui não fazemos nada, nem escolhemos a comida das crianças. Pelo menos ela não come da nossa comida.* Eliza estava com Isla no colo e me entrega a criança, e dessa vez eu a peguei no colo. A comida de Maria Cecília chega e Carolina coloca a criança na cadeira de alimentação para bebês. Maria Cecília chorava muito e se negava a comer. Vendo a situação, Micaelly diz: *Ela come melhor comigo. Tu não sabe dar comida para ela.* Carolina começa a se irritar:

Mas que droga Cecília!! Tu não quer comer?! Não quer brincar, não quer comer!! Depois que a minha comida chegar tu vai querer comer. A tua comida é boa, aí vai querer comer bandeco de presa. Tu não é presa para comer bandeco!

A comida das meninas estava demorando para chegar, mas Micaelly me fez um pedido: *Come com a gente hoje!!* Respondi: *Acho que não posso.* Ela sorriu: *Eles são ruins mesmo.* Realmente eu não podia almoçar lá. Uma agente da primeira portaria foi até o berçário: *Tem alguém com vocês no berçário? Elas já vão almoçar.* Sendo assim, tive que me levantar e entregar Isla a Eliza para sair do berçário.

Paredes com desenhos de animais, com cores claras, tapete emborrachado, cesto para colocar os brinquedos das crianças; um ambiente montado para transparecer tranquilidade, semelhante a uma creche do *fora*. Essa descrição diz respeito ao berçário da UPFEM, local em que, quando estive lá, habitavam 6 internas e duas crianças. A ideia de construção de um ambiente semelhante a uma creche não é uma ideia atual.

As penitenciárias femininas no Brasil se constituíram a partir das teorias deterministas, diante de um contexto social em que as mulheres viviam uma realidade entre a casa e o convento (Mendes, 2017, p.139), vivendo em um ambiente doméstico, com a ideia de uma ligação natural

voltada para a maternidade (Almeida, 2001); já as mulheres pobres e negras, por sua vez, eram malvistas por trabalharem fora de casa (Almeida, 2001).

Foi dentro deste cenário social no final da década de 1930, que o primeiro reformatório feminino foi inaugurado no país, na cidade de Porto Alegre. O ano foi 1937, a primeira vez que as mulheres não ficaram presas juntas aos homens (Andrade, 2011, p. 194). A administração do reformatório feminino, ficava sob responsabilidade do Instituto da Irmandade Nossa Senhora da Caridade Bom Pastor D'Angrs, fundada na segunda metade do século XIX. A principal missão da Irmandade era a “salvação da alma”, a “cura moral” (Andrade, 2011, p.202) de meninas e mulheres em “abandono moral”. Os reformatórios femininos se baseavam em regenerar as delinquentes por meio de atividades que buscavam que elas assimilassem o “comportamento adequado” a uma mulher, transformando-as em boas mães e empregadas domésticas (Davis, 2021, p.62; Andrade, 2011).

Os impasses em relação a maternidade no cárcere feminino surgiram em 1943 com o penitenciário Lemos de Britto. No contexto político da Era Vargas, a maternidade e as crianças eram vistas como o “futuro da nação” (Andrade, 2001, p.186), com ideias ancoradas em preceitos da eugenia. A preocupação com a maternidade, as crianças e a juventude, teve o pontapé inicial em 1934 com a criação da Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância e, posteriormente, em 1937, foi formulado na Constituição de 10 de novembro pelo Presidente da República uma série de preceitos atribuindo ao Estado o dever taxativo de cercar a infância e a juventude (Fonseca, 1993, p.98). Com isso, a maternidade se tornou algo de propriedade do Estado.

Em sua palestra intitulada As Mulheres Presas e seu Tratamento Penitenciário, Lemos de Britto usou países como Estados Unidos e França para retratar a situação das crianças dentro das penitenciárias. Ele pontuou que nos países citados as crianças permaneciam junto às suas mães até os dois ou três anos de idade (Andrade, 2001, p.187). Na época, a Penitenciária de Mulheres de Bangu organizava o local em que as crianças pudessem ficar. Foi elaborado na Penitenciária de Mulheres de Bangu um pequeno pavilhão às mães e seus filhos com um acesso lateral direto ao pátio de esportes (Andrade, 2001, p.189). A ideia era a construção de um espaço “acolhedor”.

Durante o período de visitação e a partir do que o Diretor da UPFEM falou dentro do berçário, o princípio do espaço “acolhedor” ainda algo é presente. Contudo, as histórias contadas pelas interlocutoras Viviane (mãe de Isla Thayllane), Carolina (Mãe de Maria Cecília), Eliza, Micaelly e Bianca, demonstram um local em que as internas são expostas a fome,

sangramentos e humilhações até quando precisam de atendimento médico. Diante dessas circunstâncias, o princípio do acolhimento postulado por parte da instituição prisional não ocorre. Entretanto, o acolhimento que eu encontrei lá foi por parte das internas do berçário; é possível dizer que se trata de um grupo de mulheres que exercem uma maternidade compartilhada.

Quando estive lá, era difícil identificar quem eram as mães das duas crianças, pois todas elas carregavam e cuidavam das bebês. No cotidiano do berçário, as interferências institucionais no exercício da maternidade no cárcere ocorrem desde a demora na entrega do leite da criança no café da manhã, até a obrigação da assinatura de Carolina no documento quando a escolta não estava disponível para levar a sua filha ao médico, como também, a impossibilidade de trabalharem. O berçário, localizado próximo à sala da diretora de disciplina, as deixa ainda mais expostas a uma vigilância que aumenta a vulnerabilidade, em que uma simples risada é motivo para as auxiliares as mandarem calar a boca por excesso de barulho.

Percebi uma ligação de afetos e cuidados no exercício da maternidade dentro do berçário. Todas as seis internas cuidam das duas crianças, formando laços de parentesco quando todas exercem o papel de mãe das bebês. Existe ali um companheirismo entre elas. Quando doentes, os funcionários da enfermaria as ignoram, ocasionando delas ficarem dias sentindo dores. No período da minha visitação, Viviane estava com uma forte dor de dente sem atendimento médico e eu percebi que, nesse período, Eliza ficou cuidando de Isla Tayllane.

O parentesco pode ser construído também através de alimentos, memórias e convivência (Carsten, 2014, p. 106) e foi isso que encontrei dentro do berçário. No último dia em que estive lá, Carolina tentava dar o almoço de Maria Cecília, sua filha, que no caso, não queria comer. Por sua vez, Micaelly disse saber fazer a tarefa melhor que ela, a mãe formal da criança. Esse tipo de ação, somado ao fato de cada uma escolher o nome das crianças, mostra uma construção simbólica do parentesco (Carsten, 2014, p. 108).

As crianças se encontram no eixo central na constituição dos laços familiares dentro do berçário. Quando levamos as frutas às internas, o fator principal de divisão dos alimentos foi a prioridade das crianças, na tentativa em cuidar delas de uma maneira que não sintam a punição, interferências e humilhações sofridas pelas internas. A substância simbólica (Carsten, 2014, p. 110) que formula o parentesco, nesse caso, é a divisão tanto de alimentos, tarefas, materiais, cuidados e afetos, na tentativa da construção de um ambiente acolhedor às crianças.

Separação

Na sala da psicóloga Léia, estávamos sentadas esperando-a terminar de se maquiar para conversar conosco:

Ah! Desculpa, mas não deu tempo para eu me arrumar. Eu gosto de me arrumar. Eu gasto bastante com maquiagem. Para trabalhar comigo também tem que ser assim que nem eu. Chegou uma psicóloga nova e ela é toda desleixada. Aí seu disse para ela comprar roupas novas e maquiagem, porque mulher não pode ser desleixada. Aqui eu dou as minhas maquiagens antigas para as internas e fazemos um dia de beleza. Elas amam, só assim para elas se sentirem mulher.

Quando ela terminou de se maquiar, perguntamos a ela a respeito do processo de saída da criança do estabelecimento prisional. Para elucidar esse processo, ela relatou o mesmo caso que a assistente social nos contou no primeiro dia de visita quando nos falou sobre conexão espiritual: *Em janeiro aqui o berçário estava dando muito trabalho. Vocês lembram do caso das meninas que cavaram a cova de outras meninas?* Respondemos que sim⁴, então ela prosseguiu: *Pois é! Ela estava aqui no berçário. A família não quer a criança, então uma das auxiliares adotou a criança. Fiz uma pergunta a ela: Mas a prioridade é dos familiares?* Logo ela respondeu:

Sim, de acordo com a lei nós procuramos familiares ou amigos, mas quando elas não possuem familiares, a criança é levada para a adoção. Nesse caso que eu contei, foi melhor para a criança. Porque tem interna aqui que não tem solução, eu ainda acredito nas que são mães que podem mudar por causa do filho. Mas elas fazem cada coisa que se eu contasse a vocês, não iriam querer falar com elas. Eu prefiro nem saber o que elas fizeram. Olha, não acreditem em tudo que elas falam, elas mentem. Ah ,e sobre a separação... são elas que escolhem a data da entrega e então nós entramos em contato com os familiares.

Com o fim da conversa, Lídia nos guiou até a quadra. O local é destinado ao banho de sol (que ocorre duas vezes por semana) e ao recebimento das visitas familiares. É um espaço pequeno, onde vemos o céu sob uma grade de ferro. Foi nesse lugar que realizamos uma conversa com as mulheres que são mães e passaram pelo processo de separação das suas crianças nascidas na prisão. Na roda de conversa, as interlocutoras foram: Roberta, Francisca, Glória e Bianca. Sentadas, Karina diz o motivo da nossa presença: *Estamos aqui para saber de vocês sobre a maternidade aqui na prisão.* Uma das internas que se sentou afastada e não se

⁴ Foi um caso de bastante repercussão na mídia local.

Link: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/03/22/adolescentes-foram-obrigadas-a-cavar-a-propria-cova-antes-de-serem-mortas-e-enterradas-em-timon.ghml>.

identificou, foi a primeira a se pronunciar: *Eu não quero mexer em histórias que me machucam. Deixa no passado. Eu não sou daqui. Os meus filhos não estão aqui.* Roberta, uma das interlocutoras, relatou a sua experiência dentro do berçário:

Eu estive dentro do berçário e passei muita fome e humilhação. Tive que sair porque eu queria trabalhar. Hoje eu trabalho na malharia, considero um trabalho escravo, mas preciso mandar dinheiro às minhas filhas. Foi muito difícil deixar elas, porque eu não sou daqui, sou de Teresina, no Piauí, então não recebo visitas presenciais, somente virtual. Quando tive que sair do berçário e entregar a minha filha foi um momento muito doloroso. Nunca estamos preparadas. Ainda sofro muito com saudades dela.

Assim como Roberta, a maioria das mulheres que conversamos não são da cidade de São Luís, o que acaba por dificultar ainda mais as visitas familiares. O “ser mulher” dentro da penitenciária envolve as expectativas sobre o que é ser mulher na nossa sociedade (Araújo; Chaves, 2021 p.158), algo perceptível em vários momentos durante a minha etnografia: nos discursos proferidos pelos funcionários; no fato de não receberem visitas familiares; na cor rosa dos uniformes e nas punições que a equipe da enfermagem aplicam às internas do berçário, afinal a retaliação às mulheres mães são ainda maiores.

Mesmo que atualmente as ações deterministas relacionadas ao crime feminino não estejam em torno das mesmas ações reproduzidas nos anos 1940, a concepção da mulher ideal ainda está presente nos dias de hoje. Uma das propostas de Judith Butler em Problemas de Gênero (2018), foi desmistificar as fábulas que classificam o gênero como uma denominação de fatos naturais, elaborando uma concepção de como o gênero estar nas interseções políticas e culturais, no qual foi construído e é mantido (Butler, 2018, p.17). Contudo, a partir da fala dos funcionários da unidade prisional, percebi que o determinismo do ser mulher é algo persistente no cotidiano carcerário.

O determinismo voltado para o comportamento das mulheres presas dentro do cotidiano carcerário foi perceptível através das falas dos funcionários da penitenciária. A fala do agente de segurança no dia em que eu fiquei a manhã na portaria se reproduziu também na fala da assistente social e da psicóloga. Em circunstâncias diferentes, ambos falaram que as internas são mentirosas e barulhentas, reafirmando, a partir das suas falas, uma construção determinista do papel das mulheres em sociedade. O ato da fala não ocorre separado da ação, no momento que alguém transmite um discurso, e esse discurso representa a ação da pessoa (Filho, 1990, p.10). No caso das falas dos funcionários, a ação em suas falas é uma demonstração de normalização da punição às mulheres privadas de liberdade. E por parte da assistente social e

psicóloga, normalização também do processo de separação e no processo de adoção da criança nascida na prisão.

Em duas conversas diferentes com a psicóloga, ela defendeu que muitas internas não têm solução, mas as que são mães podem mudar por causa dos seus filhos. A situação da mãe criminosa é vista a partir de duas figuras opostas; a figura da mãe e a delinquente, sendo a primeira ligada a vocação natural da mulher com a maternidade; e a segunda, já como delinquente, marcada por não ter alcançado as expectativas da mulher frágil e dócil (Braga; Angotti, 2019, p.30). Por mais que esse discurso ainda seja bastante proferido, a maternidade não é uma condição da natureza feminina (Badinder, 1988, p.15). Mesmo assim, a partir desse discurso determinista, a situação das mulheres presas que são mães é de julgamento e, após a retirada brusca da sua criança de seus braços, passam a serem vistas como possíveis *recuperadas*.

O momento da entrega das crianças aos familiares foi relatado por Viviane e Roberta. Viviane, ainda no berçário, com dificuldade em falar no assunto, já sente o aperto no peito somente em pensar na situação da separação. Mesmo sabendo que o momento será delicado, Viviane pensa em entregar a sua filha aos familiares antes mesmo da idade máxima permitida pelo estabelecimento prisional, pois a sua permanência no berçário não permite trabalhar e nem estudar, ou seja, nem receber dinheiro e nem redimir a pena. Essa história ocorreu também com Roberta. Na roda de conversa na quadra, Roberta contou que entregou a sua filha aos familiares antes da idade limite, devido a impossibilidade de trabalhar e sustentar a outra filha no *fora*. Ambas sofreram, portanto, uma imposição institucional.

É assegurado na Lei de Execução Penal 7.210/84 que a permanência da criança com a mãe dentro da penitenciária é o período da amamentação até os seis meses de idade. Na UPFEM, a idade máxima é de 2 anos. De acordo com a lei 1.584 §5º, nos casos em que as crianças saem da penitenciária e as mães permanecem, a prioridade da guarda são os familiares, que geralmente é a avó materna (Silva, 2018, p.3). Todas as interlocutoras possuem alguém para cuidar dos seus filhos, mas no caso de não haver ninguém, o caminho da criança é a adoção. E, para a mãe, a certeza de nunca mais encontrar o seu filho/a. A medida judiciária que retira da mãe a guarda da sua criança é uma ação grave que impede o direito da criança de conhecer e ser educada pela sua mãe (Silva, 2018, p.5).

Nem sempre a pessoa que cuidará da criança será um membro familiar da interna, como é o caso de Eliza, que relatou não ter família, mas uma amiga que considera como irmã. Assim como Micaelly e Bianca, Eliza tem filho fora da penitenciária e é a sua amiga quem cuida dele.

Dessa forma, existem casos em que o parentesco ligado ao afeto e convivência ocorre também após a saída da criança do cárcere.

O momento da separação é um processo ignorado dentro do estabelecimento prisional. Em nenhuma das conversas que eu tive com a psicóloga, foi relatado por ela a forma como as internas e as crianças são preparadas para o processo da separação. O assunto em questão, quando perguntado dentro do berçário, gerou desconforto entre as internas. E, quando exposto na roda de conversa, apenas Roberta contou a sua história. Nessas conversas, percebi a entrega da criança, apesar de se apresentar como uma escolha, ocorre mediante imposições institucionais.

Tanto Viviane quanto Roberta entregaram as suas filhas antes dos 2 anos de idade devido à necessidade de trabalharem e a impossibilidade de fazê-lo enquanto estivessem no berçário. O fato de ficarem presas sem exercerem as atividades laborais existentes na penitenciária dificulta a permanência delas dentro do berçário. As mulheres, por serem consideradas a figura moral de uma família, se sentem responsáveis pelo sustento familiar, principalmente as que têm filhos fora da prisão (Lago, 2014, p.17). Então, o trabalho para elas não significa apenas a remição da pena, mas o sustento familiar.

Dentro do berçário Eliza, Micaelly e Bianca possuem filhos fora da penitenciária, assim como Roberta. O fato de haver muitas mulheres com filhos fora da penitenciária e precisarem sustentá-los pode ser o indicador da rotatividade que ocorre dentro do berçário da UPFEM, expressa no quadro de organização das tarefas que vi afixado, como mencionei acima.

Considerações Finais

O berçário é um local onde as internas permanecem desde a descoberta da gravidez até o momento da entrega da sua criança nascida na prisão. É o local, também, onde sofrem com fome, dores, sangramentos e humilhações por parte dos funcionários do estabelecimento prisional. É nesse cenário que as cinco interlocutoras exercem a maternidade dentro do cárcere, tentando manter o ambiente confortável às crianças do berçário, quando compartilham do exercício da maternidade.

As crianças são o elo principal na relação de troca de afetos entre elas. Durante as conversas, mais de uma vez ouvi das internas que as crianças não deveriam ser punidas e sofrerem aquela vulnerabilidade existente dentro da prisão. O cotidiano delas é voltado para a divisão das tarefas de limpeza do ambiente e no cuidado das crianças. Todas elas cuidam das crianças, formando uma família constituída somente por mães.

A vulnerabilidade que elas sentem, por parte dos funcionários, ocorre mediante as questões morais de imposição do papel da mulher dentro da nossa sociedade. A forma que eu encontrei para perceber a ideia do determinismo do comportamento feminino que emerge dentro do cárcere foi a partir da “ação” que se configura nas falas (Filho, 1990, p.10), constituidoras do discurso proferido pelos funcionários da unidade prisional. Desde o agente de segurança da portaria, até a assistente social e a psicóloga, todos fizeram o mesmo discurso de chamar as internas de mentirosas e barulhentas. Por parte da assistente social e da psicóloga, percebi também a normalização do processo doloroso da separação da mãe e sua criança, bem como do processo de adoção que culmina na retirada da guarda de seus filhos nascidos no cárcere.

O processo de adoção é visto como uma solução por parte da assistente social e psicóloga do estabelecimento prisional. As duas falaram da situação sem ao menos considerarem as emoções das mães e da criança. Pelo contrário, essa retirada brusca da criança dos braços de suas mães foi retratada por elas como sendo um futuro melhor para as crianças.

Essas circunstâncias apresentadas nessa discussão mostram como o exercício da maternidade dentro do cárcere é cercado de vulnerabilidades. O cotidiano dentro do berçário sofre com as ações de humilhações, das quais as mulheres que lá habitam tentam proteger as suas crianças. Apresentar etnograficamente as situações vivenciadas pelas gestantes, as mães e suas crianças, é evidenciar o cenário punitivo em que vivem na unidade prisional.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. O. **Mulheres que Matam**: universo imaginário do feminino. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ANDRADE, B.S.A.B. **ENTRE AS LEIS DA CIÊNCIA, DO ESTADO E DE DEUS**: O surgimento dos presídios no Brasil. Dissertação (Mestrado)- Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ARAÚJO, Isabela Cristina Alves; CHAVES, Luana Horndones. Aprendendo a ser mulher no cárcere. **Interseções**, v. 23 n.1. 2021. p. 133-161.

BATINDER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRAGA, Gabriela; ANGOTTI, Bruna. **Dar à Luz na Sombra: exercício da maternidade na prisão**. São Paulo: Editora Unesp digital, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARSTEN, Janet. A Matéria do Parentesco. **Revista de Antropologia da UFSCAR**, v. 6. n.2. 2014.p.103-118.

DAVIS, Angela. **Estarão as Prisões Obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2021.

FILHO, Danilo Marcondes Mendes. Apresentação: A Filosofia da Linguagem de J.L Austin. *In: AUSTIN, J.L. Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. Porto alegre: Artes Médicas, 1990.p.7-17.

FONSECA, Cristina M. Oliveira. A Saúde da Criança na Política Social do Primeiro Governo Vargas. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 3 n. 2. 1993. p. 97-116.

LAGO, N.B. **Mulheres na Prisão: Entre famílias, batalhas e vida normal**. Dissertação (Mestrado)-Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MENDES, S.D.R. **Criminologia Feminista: Novos Paradigmas**. São Paulo: Saraiva, 2017.

SILVA, J. C. J. Nascimento no Cárcere: o direito da criança no presídio feminino. **Revista Científica Integrada UNAERP** campus Guarujá, v. 4, p. 13, 2018.